

Revista Latinoamericana de Psicopatologia

Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental

Brasil

Linnemann, Katja

Fobia: um sintoma marcado pelo real

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. IX, núm. 1, marzo, 2006, pp. 18-31

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017581003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

---

## Fobia: um sintoma marcado pelo real

---

Katja Linnemann

---

*O artigo pretende introduzir o questionamento acerca dos sintomas marcados pelo real, a partir da análise do sintoma fóbico do caso clínico de Freud, o “Pequeno Hans”. Por um lado, o sintoma como formação de compromisso (Freud), e como formação do inconsciente (Lacan), vem no lugar de algo que não pode ser sabido pelo sujeito, isto que é recalculado e endereçado ao Outro. Por outro, a fobia traz a particularidade de ser marcada por um real, carente de interdição paterna, sem visar um deciframento por parte do sujeito.*

**Palavras-chave:** Real, sintoma, fobia

## Introdução

Torna-se recorrente a constatação clínica de que alguns sintomas se apresentam resistentes à interpretação, marcados pelo real e carentes de referência simbólica e de endereçamento como código. Desde Freud, vemos na manifestação da compulsão à repetição a insistência do real, na qual uma interpretação analítica torna-se dificultada, diferentemente do que conhecemos ser possível nos sintomas característicos de formações substitutivas.

A experiência clínica não cansa de confirmar que aquilo que é tão irreconhecível para o sujeito é justo o que se repete sem sentido, pedindo um deciframento. Freud descreve este caráter de exclusão em “Inibição, sintoma e angústia”, onde “o recalcado é agora, por assim dizer, um fora-da-lei, fica excluído da grande organização do ego e está sujeito somente às leis que regem o domínio do inconsciente.” (Freud, 1925, p. 150)

O sintoma, formação de compromisso como produto de um conflito pulsional (*ibid.*), e como formação do inconsciente (Lacan, 1957), remete em ambos os casos ao recalque, ou seja, a algo que não é sabido pelo sujeito. O sintoma pede um deciframento, justamente por vir substituir uma idéia incompatível acerca da castração.

Para pensar o sintoma pelo seu viés real, isto é, aquilo que não pode ser simbolizado, introduzimos um questionamento em relação à fobia. Será ela um sintoma ou uma formação de compromisso, como Freud define: o que vem no lugar de um recalque? Ou seria ela um sintoma com a especificidade de ser marcado por um real? Nos utilizamos de uma referência de Lacan, segundo a qual “... o real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar...” (*ibid.*, 1964, p. 52).

Escolhemos o caso “Pequeno Hans” (1909) publicado por Freud para analisar esta questão. Nos perguntamos se o sintoma fóbico de Hans é uma formação de compromisso: um certo acordo entre uma idéia que não pode permanecer consciente e a representação dela, via sintoma. Qual a sua particularidade em relação a outros sintomas? Este é o ponto do qual nós partimos.

### O sintoma como solução de conflito

Privilegiamos o recorte do caso do Pequeno Hans que possibilita a investigação das noções de substituição e deslocamento, fobia e castração, conceitos fundamentais acerca do sintoma, em 1926, para Freud, no qual o sintoma fóbico de Hans vem aparecer como uma tentativa de solucionar um conflito entre duas moções pulsionais, que são o amor e o ódio em relação ao pai.

Sabemos que essa parte da angústia de Hans possui dois componentes: havia medo de seu pai e medo por seu pai. O primeiro derivava de sua hostilidade para com seu pai, e o outro derivava do conflito entre sua afeição, exagerada a esse ponto por mecanismos de compensação, e sua hostilidade. (Freud, 1909, p. 47)

Devido à ambivalência que não pode ser mantida consciente, o recalque fez-se necessário por meio do sintoma fóbico, que caracterizava-se pelo medo de cavalos, e mais especificamente pela idéia de ser mordido pelos cavalos. Entretanto, a retirada desta idéia da consciência, que foi substituída por uma fobia, perdeu sua especificidade, aparecendo um medo vago por cavalos e uma recusa em sair à rua.

20

A um primeiro vislumbre, somos tentados a responder que o caso não é assim tão obscuro. O inexplicável medo do “Pequeno Hans” por cavalos era o sintoma e sua incapacidade de sair à rua era uma inibição, uma restrição que o ego do menino impusera a si mesmo a fim de não despertar o sintoma de angústia. (Ibid., 1925, p. 104)

O sintoma fóbico de Hans vem como uma tentativa de responder a um conflito de ambivalência afetiva de amor e ódio em relação a seu pai. Encontrava-se em um momento edípico, no qual apresentava uma

... atitude ciumenta e hostil em relação ao pai, a quem, não obstante – salvo até onde a mãe dele era a causa de desavença – amava ternamente. Aqui, então, temos um conflito devido à ambivalência: um amor bem fundamentado e um ódio não menos justificável dirigidos para a mesmíssima pessoa. (Ibid.)

Diante desse conflito de duas pulsões, amor e ódio, o ódio é recalculado, ou seja, retirado da consciência.

Freud afirma que podemos falar em uma neurose neste caso, porque houve a substituição do pai por um cavalo. O sentimento hostil, que não pode permanecer consciente com relação ao pai, é substituído pelo cavalo. Contudo, se a alteração ou o deslocamento fosse somente de um objeto para um outro, teríamos que supor que Hans apresentaria uma certa hostilidade em relação aos cavalos, hostilidade esta recalculada, por não poder ser dirigida ao pai.

... se “Pequeno Hans” realmente se houvesse comportado assim em relação aos cavalos, isto significaria que a repressão não havia de forma alguma alterado o caráter de seu próprio impulso instintual objetável e agressivo, mas somente o objeto para o qual estava dirigido. (Ibid.)

A partir desta citação de Freud, constatamos, no entanto, que a hostilidade recalculada foi transformada em seu oposto, ou seja, em vez de Hans expressar sua agressividade contra o pai, a agressividade vem do pai contra ele, sob um deslocamento de objeto, o cavalo. Daí surge o medo de ser mordido por este.

Freud diz neste momento de sua obra que vemos no sintoma fóbico uma tentativa de solucionar um conflito entre duas moções pulsionais, e é lá também que reconhecemos o recalque – a agressividade dirigida ao pai – ocasionado por um temor à castração, pois a força que move o recalque é o medo de ser castrado. “Hans desistiu de sua agressividade para com o pai temendo ser castrado” (ibid., p. 106).

Ser mordido por um cavalo é uma substituição, transformada em seu oposto, da idéia de ser castrado pelo pai e é esta a idéia recalculada.

O sintoma, para Freud, assim como outras formações psíquicas tais como o sonho, são o produto de dois pensamentos contraditórios ou duas moções pulsionais. O que mantém compatível essa contradição é a formação de compromisso, isto que facilita a regressão. “Poder-se-ia supor que a condensação e a formação de compromisso só se dão para facilitar a regressão,...” (Freud, 1900-01, p. 623)

Queremos ressaltar a relevância da formação de compromisso e sua relação com o sintoma, pois entendemos que há uma espécie de acordo na formação de compromisso entre aquilo que não pode permanecer na consciência e sua representação, ou seja, um acordo entre as duas moções pulsionais.

Segundo Freud, acerca do sonho e do sintoma, afirma: “... assim como todas as outras formações psíquicas da série da qual é membro, ele constitui uma formação de compromisso: serve a ambos os sistemas, uma vez que realiza os dois desejos enquanto forem compatíveis entre si” (ibid., p. 607).

Nosso próximo passo é fazer uma distinção do que Freud chama de sintoma e de inibição, tendo em vista a questão do endereçamento ao Outro.

Os dois conceitos não se encontram no mesmo plano. A inibição tem uma relação especial com a função, não tendo necessariamente uma implicação patológica.

... e sintoma quando uma função passou por alguma modificação inusitada ou quando uma nova manifestação surgiu desta. (Freud, 1925, p. 91)

Neste mesmo sentido, Freud já fazia uma ressalva em 1900, em *A interpretação dos sonhos*. Há uma distinção entre sintoma e fobia. Há na fobia um cará-

ter de inibição, que protege Hans da angústia. Segundo Freud "... os sintomas neuróticos mostram que os dois sistemas [inconsciente e pré-consciente] se encontram em conflito entre si; são o produto de um compromisso que põe termo ao conflito por algum tempo". (Freud, 1900-01, p. 609) e, na mesma página, em relação à fobia, que esta "se ergue como uma fortificação de fronteira contra a angústia".

O sintoma com o caráter de substituição assume a representação de uma idéia incompatível à consciência, porém é justamente por meio da substituição que podemos pensar um endereçamento ao Outro, um pedido de deciframento. A inibição, por outro lado, isenta-se da possibilidade interpretativa, reduzindo-se, no caso descrito, a proteger Hans da angústia despertada ao se deparar com os cavalos.

Desta maneira, questionamos se a fobia, a partir desta elaboração, pode ser considerada uma formação de compromisso, e qual função viria a desempenhar no caso do Pequeno Hans.

### A fobia: um sintoma particular

22

Supomos que há uma particularidade no sintoma fóbico, pois Hans parece carecer de um agente interditor. A fobia teria, então, uma certa função no caso de Hans, diferentemente da formação de compromisso, e é nela que pretendemos ampliar a nossa investigação.

Reconhecemos neste caso que o sintoma fóbico aparece menos como uma formação substitutiva, e mais como um caráter da ordem do real. O que chamamos de prevalência real do sintoma fóbico de Hans é uma evitação de sair à rua, para não se deparar com a angústia. Freud já se referia a isto em 1895, quando dizia que "o mecanismo das fobias é totalmente diferente do das obsessões. A substituição não é mais o traço predominante nas primeiras; a análise psicológica não revela nelas nenhuma representação incompatível substituída" (p. 85).

No ano de 1959, em seu Seminário "O desejo e sua interpretação", Lacan afirma que a fobia é a forma mais simples da neurose, cujo caráter é de solução. O objeto fóbico está ali para ocupar um lugar entre o desejo do sujeito e do desejo do Outro, com a função de proteção ou defesa diante do enigma em relação ao desejo. No caso de Hans, o cavalo o protegia, fazendo uma certa barreira em relação ao desejo de sua mãe, desejo este que se introduz para ele com o nascimento de sua irmã. A fobia teria, pois, um caráter de tentativa de solução diante da questão acerca do desejo do Outro.

Ainda no caso de Hans, diante da impossibilidade de simbolizar o desejo da mãe, o objeto fóbico veio protegê-lo, já que a função de interdição paterna não se fez presente. Seus pequenos mitos, sua fala, construídos após o aparecimento do objeto fóbico, puderam fazer consistir uma história acerca da castração.

Reconhecemos que a fobia de Hans não se encontra ainda em relação ao Outro simbólico. Diante de um excesso de relação espectral com a mãe, e da carência de interdição paterna, a fobia parece vir no lugar de um chamado da lei, possibilitando assim a entrada na ordem simbólica do Outro, a partir do real.

A falha da função paterna não faz consistir uma interdição da qual Hans possa se servir a nível simbólico. Para isso, o Nome-do-Pai teria que fazer valer a castração não no nível da ameaça imaginária, mas como uma certa universalização, uma lei.

Em “A significação do falo” (1958), Lacan diz que a significação da castração só adquire de fato seu alcance eficiente na formação dos sintomas, a partir de sua descoberta como castração da mãe. Para isso, o pai deve intervir na relação amorosa de Hans com sua mãe, pois, para ele, sua mãe não é castrada.

Segundo Vieira,

... o amor pela mãe não pode ser o responsável pelo recalque. Ele não é naturalmente inaceitável, mas sim tornado proibido. (...) É preciso uma intervenção externa, uma ameaça, que dará a este amor o caráter de um perigo interno, fazendo o menino modificar sua posição libidinal. (2001, p. 59)

Poderíamos, então, pensar a fobia como uma tentativa de chamar à lei, ao Nome-do-Pai, em vez de pensá-la enquanto formação de compromisso, ou como produto da castração? Supomos que a fobia, diante da carência de um pai que encarne a lei, aparece como tentativa de encontrar um lugar para a interdição. No caso de Hans isto parece se presentificar na fobia, por meio de um medo que leva à interdição de sair de casa.

23

### Estrutura e mito

Lacan se dedica no Seminário “A relação de objeto” (1956-57) a escrever sobre a estrutura dos mitos e sua função, a partir da observação do Pequeno Hans. O mito, para Lacan, constitui-se como uma narrativa e tem um caráter atemporal de ficção.

... esta ficção apresenta uma estabilidade que não a torna de modo algum maleável às modificações que lhe podem ser trazidas, ou, mais exatamente, que implica que toda modificação implica por sua vez, por essa razão, uma outra, sugerindo invariavelmente a noção de estrutura. (p. 258)

Isso nos interessa pelo fato de a história de Hans, contada por ele mesmo, conter uma verdade singular atrelada a sua estrutura, a neurose, sendo que é esta verdade que nos interessa.

Esta verdade Lacan chama de criação de mitos, e a aproxima da noção de produção de fantasias, que se faz necessária diante da condição social do ser humano.

Como característica comum ao mito individual, Lacan afirma:

... a função de solução numa situação fechada em impasse, como é a do Pequeno Hans entre seu pai e sua mãe. O mito individual reproduz em menor escala este caráter fundamental do desenvolvimento mítico, onde quer que o possamos captar de modo suficiente. Ele consiste, em suma, em enfrentar uma situação impossível através da articulação sucessiva de todas as formas de impossibilidade da solução. (Lacan, 1956, p. 338)

Apostamos que os mitos de Hans reposicionam-no diante do impasse frente ao desejo da mãe, e da carência de interdição do pai, criando histórias (mitos) acerca da castração.

A partir do que delimitamos como mito para Lacan, temos uma extensa parte dedicada a pensar o Édipo e a castração.

Em um primeiro momento a criança encontra-se numa posição de engodo junto à mãe. Ela se exibe num plano puramente imaginário, no qual se coloca como sendo o falo que a completaria. Enquanto ela obtiver uma resposta para que esta posição se sustente, a questão acerca do desejo do Outro não se fará presente. Neste jogo em que ela supõe completar a mãe, não há enigma, não há qualquer hiância.

Lacan diz que, no Édipo, o sujeito capturado neste engodo deve engajar-se na ordem existente “de uma dimensão diferente daquela do engodo psicológico por onde ele entrou” (1956-57, p. 206). Ou seja, a criança deve se descolar desta posição imaginária que a torna o objeto para a mãe.

Em Hans isto se presentifica no ato de comparação que, de início, é a questão central de sua problemática: “o pipi”.<sup>1</sup> Ele pergunta se sua mãe tem um pipi, ao que ela responde afirmativamente. Contudo, segue-se um comentário sobre sua mãe despida. Ao se deparar com o fato que sua mãe não possui um pipi, ele conclui que, se ela tivesse um, deveria ser do tamanho do de um cavalo. Lacan afirma que nesta observação de Hans, “... o jogo continua no plano do engodo” (ibid., p. 211), pois o ato de comparação não o retira do plano imaginário. Neste plano parece haver um objeto, nesta relação de Hans com a mãe, que completa. Lacan interpreta, “... se é assim que se engaja para ele a dialética do Édipo, ela estará sempre lidando, afinal de contas, apenas com um duplo de si mesmo, um duplo aumentado” (ibid.).

1. Hans se interessa, a princípio, não só pelos pipis dos seres humanos, como também pelo dos animais. Em alemão o termo é *Wiwimacher*, que é “fazedor de pipi”.

Contudo, esta dialética imaginária especular, da qual Hans não sai, traz a manifestação da angústia, à qual o sintoma fóbico vem em resposta. Diante desta dialética, Hans carece do pai que interdite esta relação imaginária com sua mãe.

Lacan localiza o impasse de Hans frente a duas circunstâncias importantes e contingentes, nas quais se depara com o real (1956-57). Estas contingências foram o nascimento de sua irmã Anna e a manifestação de seu pênis real.

Para o pequeno Hans, esse esquema veio se complicar com a introdução de dois elementos reais. Por um lado, Anna, isto é, uma criança real, complica a situação, as relações com o mais-além da mãe. E depois há também alguma coisa que lhe pertence de fato, mas com a qual ele não sabe, literalmente, o que fazer: um pênis real, que começa a se agitar... (Ibid., p. 368)

Mas que impasse era esse? Hans ocupa um lugar a princípio privilegiado, o de ser o falo que completa sua mãe. Ele era o objeto que a completava. Mas com o nascimento de sua irmã, Hans é confrontado com o fato de que os objetos podiam ser substituídos. Se ele era o que faltava à mãe, por que ela desejaria uma nova criança? Esta resposta é o que vai custar a Hans a formação de um sintoma que faça a função de metaforizar o desejo da mãe, pois até então permanecia ao nível imaginário na relação com ela. Ele era o objeto imaginário de sua mãe, e ocupava, de fato, este lugar.

Que objeto Hans era para sua mãe, agora, após o nascimento de sua irmã? É em torno dessa questão que gira sua problemática edipiana, na qual a função paterna se mostra bastante precária.

É neste ponto, o de interpretar o desejo da mãe, que Hans necessita metaforizar o falo, prenhe de significado. A interpretação do desejo e a metaforização com um significante vêm interromper o deslocamento metonímico que se dá com a sucessão de objetos para a mãe: primeiro Hans, depois Anna. A metáfora é o ponto de parada nesta série de objetos.

Se Hans não é mais o objeto que supostamente completa a mãe, já que há uma outra criança, é preciso que ele interprete este desejo, para que saia da posição de objeto congelado e de devoração materna, objeto imaginário. Mas para isso é necessário que o pai intervenha.

O que o faria, então, sair desta dialética? No Édipo, a problemática gira em torno da questão do posicionamento correto frente ao pai. Lacan destaca a importância, "... que o sujeito se situe corretamente com referência à função do pai" (ibid., p. 206).

Segundo Lacan, Hans necessita sair da posição de rivalidade imaginária para ascender à outra posição: a de se perguntar acerca da questão sobre o que é ser um pai. Para isso, precisa supor um saber em algum lugar. É ao nível do Outro

que Hans deve poder jogar o jogo em que alguém é capaz de jogar e ganhar, entrando assim na ordem simbólica.

Este momento importante de virada caracteriza-se quando “o objeto não é mais o objeto imaginário com o qual o sujeito pode tapear, mas o objeto sobre o qual o Outro é sempre capaz de mostrar que o sujeito não o tem, ou o tem de forma insuficiente” (ibid., p. 213).

Lacan afirma que é na permanência neste posicionamento no plano imaginário que se dão as consequências neurotizantes. Frente a isto, Hans responde com um sintoma fóbico, na tentativa de inserir uma interdição que não teve de seu pai.

Introduzimos agora de forma pontual a importância do pai real. Para isso, não podemos perder de vista o que está em jogo no fim do Édipo, pois é nele que a criança deve assumir o falo como significante, dele podendo se utilizar como instrumento da ordem simbólica das trocas, o que só é possível com o pai real. Isto pressupõe a existência de uma instância que chamamos de pai simbólico, o pai mítico, que representa o que preside à constituição das linhagens.

O parceiro real, como Lacan denomina o agente da castração, é aquele com o qual a criança pode entrar na ordem da lei. Este parceiro é “alguém que trouxe efetivamente ao nível do Outro algo que não é simplesmente convocação e evocação, par de presença ou ausência, elemento fundamentalmente aniquilador do simbólico-alguém que lhe responde” (ibid., p. 214).

Ao falarmos da privação, já pensamos, já pressupomos uma simbolização, pois se algo é privado, pode-se pensar que o objeto está lá, o objeto privado existe pela sua inversão. Como o real é pleno, ausente de privação, é por esta que podemos pensar na possibilidade de simbolização do real. “O furo real da privação é justamente alguma coisa que não existe. Sendo o real pleno por sua natureza, é preciso, para fazer um furo real, nele introduzir um objeto simbólico.” (ibid., p. 253).

A privação traz à tona um furo real, ao qual a castração se faz imprescindível como subjetividade do sujeito, onde podemos pensar a simbolização do real.

O pai real torna-se necessário e imprescindível, pois Hans precisa ser privado no imaginário de algo para que, a partir daí, uma simbolização seja possível, e que seja em relação ao Outro.

Isto é o que Freud acrescenta em 1923 em uma nota de rodapé ao caso do Pequeno Hans.

Já foi sugerido com insistência que o bebê, toda vez que o seio materno é afastado dele, sente uma privação como uma castração (isto é, como perda daquilo que ele considera uma parte importante do seu próprio corpo). (Freud, 1909, p. 17)

No caso de Hans temos o exemplo de seu próprio pênis encarnado primeiramente como objeto imaginário.

Segundo Lacan, "... a criança se apresenta à mãe como lhe oferecendo o falo nela mesma, em graus e posições diversos" (1956-57, p. 230).

Hans se defronta com o fato de não mais bastar para sua mãe. Este é o ponto, onde a pulsão real e o jogo imaginário se encontram. Diante disso, aparece a fobia, seus medos.

Se a fobia alcança uma cura das mais satisfatórias – veremos o que quer dizer cura satisfatória a propósito da sua fobia –, é na medida em que interveio o pai real, que havia intervindo tão pouco até então, e que aliás só pode fazê-lo porque teve atrás de si o pai simbólico, que era Freud. (Ibid., p. 235)

Voltamos novamente ao mito e na sua importância. Lacan refere-se ao que Freud havia dito acerca da análise de Hans: "foi melhor que nada, era realmente preciso deixá-lo falar" (ibid., p. 236).

Deixá-lo falar, ou deixar que articulasse significantes, simbolizando este ponto de real que causava angústia, a partir de onde vemos surgir o sintoma fóbico. O mito aparece aqui sob uma forma de história articulada, uma história acerca da castração. A metáfora do bombeiro instalador remete-nos a esta verdade única do significante de Hans – o tirar e o recolocar. Nas palavras de Hans: "O bombeiro veio; e primeiro ele retirou o meu traseiro com um par de pinças, e depois me deu outro, e depois fez o mesmo com o meu pipi". (Freud, 1909, p. 92).

A castração aparece sob o significante "retirada", e outros significantes virão em seu lugar.

Consideramos o mito de Hans sua produção lúdica, suas histórias marcadas por significantes de seu próprio discurso. Diante do real, isto que se apresenta como algo sem nome, como furo, Hans tenta simbolizar, com suas histórias, os mitos. "Pode-se concluir daí que a solução da fobia está ligada à constelação dessa tríade: orgia imaginária, intervenção do pai real, castração simbólica." (Lacan, 1956-57, p. 235). Portanto, os mitos vêm dar lugar ao real.

## Conclusão

Enquanto formação do inconsciente é imprescindível pensarmos o sintoma nas suas formas de se apresentar: escamoteando aquilo que não pode ser representado na consciência; pela condensação e pelo deslocamento. Vemos no caso da fobia de Hans a substituição da pulsão agressiva voltada para o pai, pelo medo de ser mordido por um cavalo. O deslocamento ocorre no nível do objeto, qual seja, o objeto-pai sofre deslocamento para o objeto-cavalo. Consideramos,

então, que as formações do inconsciente são substituições, pois vêm no lugar do significante recalcado sem, contudo, desconsiderarmos sua faceta real, o que vemos aparecer, por exemplo, na repetição.

O que é recalcado, segundo a lógica freudiana, é aquilo que também retorna, podendo fazê-lo com o caráter compulsivo. A repetição insiste, porém sem sentido. É isto que Lacan chama de real. Numa análise não podemos esquecer que é pelo real e pela repetição que é possível criar significações.

Segundo Lacan, "... esta ambigüidade da realidade em causa na transferência, só podemos chegar a desembrulhá-la a partir do real na repetição" (Lacan, 1964, p. 56).

Quando endereçado numa análise, o sintoma permite um deciframento, uma interpretação, pois há uma significação possível diante do não-sentido do sintoma, no campo do Outro, do simbólico. Partindo da concepção de que o inconsciente não é o que está lá a ser descoberto, e sim uma verdade produzida pelo sujeito diante do seu sintoma, supomos um Outro ao nível simbólico, um Outro da linguagem. Pensamos, então, o sintoma como aquilo que pede, a partir de um endereçamento, uma significação. Este endereçamento só é possível se o sujeito supõe um saber no Outro. Isto é o que Lacan aponta, considerando o caso Hans; quando diante da rivalidade imaginária com a mãe, esta suposição não se apresenta. É somente diante da questão acerca do pai que Hans poderia ascender ao nível do Outro.

Em contraponto, no caso de uma histeria, o sintoma parece endereçar um pedido de deciframento. Sua vertente real é o que retorna como aquilo que não pode ser simbolizado, como retorno do recalcado, insistente pela repetição. Contudo, o sintoma é em si mesmo uma mensagem que, sendo endereçada a um Outro, pede um sentido. Lacan, referindo-se a Freud acerca da mensagem do sonho, escreve a respeito da mensagem: "... é a mensagem como discurso interrompido e que insiste" (ibid., 1954, p. 162). E mais adiante,

... este realismo psicológico, esta busca de uma subjetividade essencial não o detém. Para ele, o importante não é que se sonhe em ser uma borboleta, mas sim o que o sonho quer dizer, o que ele quer dizer para alguém. Quem é este alguém? A questão toda está aí. (Ibid.)

O sonho como mensagem cifrada endereça, então, um pedido a um Outro. E segundo Lacan, "... uma das dimensões do desejo do sonho é fazer passar uma certa fala" (ibid., p. 163).

No caso do "Pequeno Hans", vemos dois momentos de confrontação com o real, um deles ocorre quando sua irmã nasce e vem ocupar um lugar no qual Hans é ejetado da situação de engodo imaginário com a mãe e, o outro, quando o pênis surge como uma função masturbatória.

Diante destas situações, o mito serviu para que frete a esse excesso de valor imaginário do falo para Hans, este passasse a ter um valor simbólico. Em resposta à manifestação real, a simbolização faz-se necessária, e o mito, com seu caráter individual, é construído pelo próprio Hans.

Como vimos até aqui, o cavalo é um primeiro significante, escolhido por Hans, em torno do qual outras significações serão formadas. Ele serve como um nome que delimita, circunda e causa impedimento, assim como deveria operar o pai como função.

No exemplo do “bombeiro”, temos um modelo de mito de Hans que vem metaforizar o encontro com o real. “O instalador, ou o serralheiro, vem e o aparafusa, depois do que o instalador ou o bombeiro vem e lhe desaparafusa o pênis para recolocar um outro maior” (Lacan, 1956-57, p. 272).

Ressaltamos que quando o falo é tomado no plano simbólico, serve de elemento de mediação.

Para concluir, escolhemos nos deter à questão da fobia em Hans, pois reconhecemos que a partir dela, este pôde criar mitos próprios para dar conta do real.

A fobia traz o medo de sair à rua como uma tentativa de interdição, e a partir dela reconhecemos um apelo ao simbólico para dar conta do real, que se apresenta como vazio de significações. Os mitos de Hans vêm na tentativa de encapsular o real.

Em 1969, Lacan situa a fobia como lugar de encruzilhada da constituição da estrutura. Isto é o que denomina de placa giratória: “... a nível da fobia não podemos ver algo que seja uma entidade clínica, senão de alguma forma uma encruzilhada, algo que elucida sua relação com a direção em que vira geralmente, ... histeria e neurose obsessiva” (Lacan, Seminário 16, 1969).

Se a histeria e a neurose obsessiva, como estruturas, se organizam a partir daquilo que falha do recalque, a fobia como placa giratória encontra-se situada em um momento anterior, ao qual o fantasma virá recobrir o real; real este que vem caracterizar o sintoma fóbico do “Pequeno Hans”.

29

## Referências

FREUD, Sigmund (1895[1894]). Obsessões e fobias – seu mecanismo psíquico e sua etiologia. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. III.

\_\_\_\_ (1900-1901). A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. IV e V.

- \_\_\_\_ (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. X.
- \_\_\_\_ (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XIX.
- \_\_\_\_ (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XIX.
- \_\_\_\_ (1926[1925]). Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XX.
- LACAN, Jacques (1954-1955). *O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_ (1956-1957). *O seminário. Livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- \_\_\_\_ (1957-1958). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_ (1959). *O seminário. Livro 6. O desejo e sua interpretação*. Inédito.
- \_\_\_\_ (1969). *O seminário. Livro 16. De um outro ao Outro*. Lição de 7 de maio de 1969. Inédito.
- MILLER, Jacques Alain. *A lógica na direção da cura*. Minas Gerais: Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano, 1995.
- \_\_\_\_ (1999). *Perspectivas do seminário 5 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- VIEIRA, Marcus André. *A ética da paixão. Uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil/Jorge Zahar, 2001.

## Resumos

Este texto introduce una cuestión acerca de los síntomas marcados por lo real, a partir del análisis del síntoma fóbico del caso clínico de Freud “Juanito”. Por un lado, el síntoma como una formación de compromiso (Freud), e como formación del inconsciente (Lacan), está en el lugar de algo que no puede ser sabido por el sujeto, esto es, reprimido y dirigido al Outro. Por otro lado, la fobia trae la particularidad de ser marcada por lo real, carente de interdicción paterna, que no se presta a un desciframiento por parte del sujeto.

**Palabras claves:** Real, síntoma, fobia

*L'article prétend introduire le questionnement autour des symptômes marqués par le réel, à partir de l'analyse du symptôme phobique du cas clinique de Freud, "le petit Hans". D'un côté, le symptôme comme formation de compromis (Freud), e comme formation de l'inconscient (Lacan) vient à la place de quelque chose qui ne peut pas être su par le sujet, ce qui est refoulé et adressé à l'Autre. D'un autre coté, la phobie apporte la particularité d'être marqué par un réel, dépourvu d'interdiction paternelle, sans le but d'un décifrage de la part du sujet.*

**Mots clés:** Réel, symptôme, phobie

*This article brings up questions about symptoms marked by the real, based on Freud's case of "Little Hans," where Freud analysis the boy's phobic symptom. On the one hand, we can say that a symptom is a compromise formation (Freud), and that, as an unconscious formation (Lacan), it replaces something that cannot come to the subject's knowledge, something repressed and addressed to the Other. On the other hand, phobia has the specific aspect of being marked by the real, the lack of paternal intervention, without the subject's attempt to solve it.*

**Key words:** Real, symptom, phobia